

## ROTA DE PEDESTRES EM JOÃO PESSOA/PB: Dificuldades e oportunidades para o city tour

### **Alessandra Souza Queiroz**

Graduada em Turismo  
Membro do Gcet (Grupo de cultura e estudos em turismo)  
Universidade Federal da Paraíba  
alessandra\_queirozz@outlook.com

### **Francinete da Silva Guilherme**

Graduada em Turismo  
Membro do Gcet (Grupo de cultura e estudos em turismo)  
Universidade Federal da Paraíba  
net-gui@hotmail.com

### **Danilo Henrique Gonçalves Coutinho**

Especialista em Gestão em Turismo e Hotelaria  
Membro do Gcet (Grupo de cultura e estudos em turismo)  
SENAC PB  
danilohcoutinho@hotmail.com

### **Adriana Brambilla**

Doutora em Estudos Culturais  
Membro do Gcet (Grupo de cultura e estudos em turismo)  
Universidade Federal da Paraíba  
adrianabrambillaa@yahoo.com.br

Recebido: 28 de junho, 2017

Aprovado: 27 de outubro, 2017

## **RESUMO**

O patrimônio compreende as nossas manifestações culturais e tem importância econômica, histórica e social, representa a nossa identidade, está diretamente ligado à garantia da memória da cidadania. No caso específico da cidade de João Pessoa/PB, o seu Centro Histórico possui uma grande importância por estar diretamente envolvido com a fundação da capital paraibana, sabendo disso, a rota de pedestre é um projeto de sinalização turística para pedestres no centro da cidade, cuja importância está na originalidade e é uma forma de conhecer o que sobreviveu ao tempo. Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho é apresentar essa alternativa para o turismo pessoense e analisar os motivos pelo qual a rota de pedestre não é mais utilizada assim como a possibilidade dela ser reimplantada. Para a consecução dos objetivos propostos foram realizadas pesquisas documental, bibliográfica e entrevistas, que demonstram que a rota de pedestre é vital para o turismo pessoense, mas que muitas medidas precisam ser adotadas para que ela funcione adequadamente, entre elas ações que visem à segurança pública.

**Palavras-chaves:** Patrimônio cultural. Turismo. Rota de pedestre.

## INTRODUÇÃO

Tida como uma das três cidades mais antigas do Brasil (História de João Pessoa, 2000), a capital paraibana apresenta um considerável acervo de construções históricas. Mesmo tendo esse rico patrimônio cultural, o turismo na cidade de João Pessoa ainda tem uma imagem que remete imediatamente ao turismo de sol e mar, resultado das campanhas publicitárias.

Uma das opções turísticas, voltadas ao patrimônio cultural do Centro Histórico da cidade de João Pessoa era a rota de pedestre, que nos dias atuais não está mais nos catálogos de venda das agências de turismo. Essa rota mantinha parte da sua originalidade e era uma forma de conhecer o passado da cidade, a exemplo de outras rotas brasileiras que contam sua história, caso do projeto Linha Pinhão – Pegadas da Memória em Curitiba (Dantas, 2014). Com isso o objetivo desse trabalho é apresentar essa alternativa para o turismo pessoense e analisar os motivos pelo qual a rota de pedestre não é mais utilizada e a possibilidade dela ser reimplantada.

157

## METODOLOGIA

Para o alcance de tal objetivo foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, que, segundo Raupp & Beuren (2006), “tem como objetivo recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para qual se procura respostas ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar” (p.86). Além disso, para que fosse possível obter mais informações sobre a situação atual da rota foram realizadas entrevistas com representantes da Secretária Municipal de Turismo de João Pessoa e das principais agências de turismo receptivo da cidade, uma vez que a entrevista é uma técnica de coletar dados onde as perguntas e respostas são respondidas oralmente, ela é utilizada para captar informações a respeito do que as pessoas tem conhecimento, explicações e interpretações que ocorrem em uma determinada realidade (Gil, 2008). A escolha da pesquisa qualitativa se deu, pois, “a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da

realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Fonseca, 2002, p. 20).

A decisão de realizar a entrevista com a Secretaria Municipal de Turismo (SETUR) se deu, pois esta faz parte da Prefeitura de João Pessoa e tem responsabilidade direta no desenvolvimento do turismo municipal, bem como de acompanhar e elaborar estratégias para o desenvolvimento de forma a fazer crescer o potencial turístico da cidade de João Pessoa (Secretaria Municipal de Turismo, nd).

Além disso, com o intuito de melhor conhecer a importância das rotas de pedestres foram realizadas entrevistas com representantes das principais agências de turismo receptivo da cidade de João Pessoa para que pudéssemos analisar, do ponto de vista da iniciativa privada, as contribuições dessas rotas para a atividade turística local.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL E O TURISMO CULTURAL**

Quando se refere a patrimônio cultural, estamos nos referindo a todos os fatos que nós seres humanos deixamos ao longo da nossa trajetória, através dele podemos identificar indivíduos pertencentes a diferentes grupos humanos, seja no modo de vestir, na tecnologia, na música, nas lendas e arquiteturas (Alfonso, 2013). De acordo com a Constituição Federal brasileira, em seu artigo 216:

Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Constituição Federal de 1988).

Dessa forma, por meio do patrimônio cultural, se torna possível a conscientização das pessoas, fazendo com que elas ao mesmo tempo obtenham conhecimentos para compreenderem a história local, adequando-os à sua própria história. (“O que é patrimônio cultural? Patrimônio histórico? Patrimônio Ambiental ou Natural?”, nd).O

patrimônio além de abranger as nossas manifestações culturais provenientes dos nossos ancestrais e por terem importância econômica, histórica e social, também representa a nossa identidade. Por isso, uma das razões para a preservação do patrimônio está na garantia da memória da cidadania, uma vez que não é coerente discutir sobre proteção dos bens culturais sem incluir os próprios interesses da comunidade, pois é ela a verdadeira defensora dos seus valores patrimoniais ao longo do tempo (Patrimônio cultural, nd).

Segundo Silva (2000), o conceito na percepção clássica de patrimônio cultural, faz referência à herança que herdamos do passado e que repassamos às gerações futuras, ou seja, todas essas manifestações de cultura geradas pelo homem tem uma existência em tempo e espaço, algumas delas desaparecem outras conseguem sobreviver e alimentam a criatividade das novas gerações fazendo com que a cultura flua.

De acordo com Lemos (1981), Hungues de Varine Boham analisou a problemática do patrimônio cultural em uma perspectiva bastante abrangente, dividindo o patrimônio cultural em três categorias, a primeira referindo-se aos recursos naturais, neles estão os rios, as águas dos rios, os peixes que nelas habitam e todo o meio ambiente e seus recursos que nos proporcionam construir, plantar, ter climas diferentes e contemplar diversas paisagens. A segunda categoria faz referência ao saber, aos conhecimentos técnicos que são a parte não intangível do patrimônio, essa vai desde o modo de caçar até os cálculos complexos da matemática bem como os avanços tecnológicos. A terceira, considerada a categoria mais importante por Varine Boham (como citado em Lemos, 1981), reúne os bens culturais, como os artefatos as construções que foram realizadas a partir do saber fazer e dos recursos do meio ambiente.

Leandro (2006) também descreve uma problemática envolvendo o patrimônio cultural e o que se decide fazer com ele. O autor se mostra indignado sobre como o patrimônio é tratado pelo poder público e privado, quando considerado apenas o lado econômico.

No Brasil, a ideia de patrimônio histórico enquanto oferta turística contagiou os discursos do poder público e empreendedores privados, notadamente a partir dos anos 1990. O valor cultural do patrimônio tem sido substituído pelo valor turístico segundo o modelo da “indústria turística”. A preservação do patrimônio está cada vez mais condicionada à existência de “parcerias”. O uso do patrimônio é definido pelo Estado e

pelas empresas. E qual o uso desejado pela comunidade local?(Leandro, 2006, p.60)

O patrimônio cultural não é um objeto estático muito menos imóvel, são conjuntos de valores, cresças e vivências que devem ser respeitadas para que sobrevivam às interferências da modernidade, visto que, talvez a interferência provinda do turismo seja o maior agravante, uma vez que o patrimônio cultural é extremamente utilitário para a atividade turística (Gomes, 2007).

Uma vez que todas as atividades de turismo envolvem algum elemento de cultura, seja a visita a uma localidade ou a um evento cultural, ou simplesmente o desfrutar da “atmosfera” de um destino em um café de rua, há uma tentação em considerar todo turismo como “turismo cultural” (Richards, 2009, p. 25).

Mas, para não cair nessa tentação a que se refere Richards (2009), devemos compreender que nem todo turismo é cultural, pois para se enquadrar nessa classificação há que se analisar não somente as atividades realizadas, mas se há também o interesse das pessoas nos modos de vida locais. Como argumentam Funari & Pinsky (2001, pp. 7-8) nem todo turismo é cultural, pois “a ideia que queremos apresentar aqui é a de que não é o que se vê, mas o como se vê que caracteriza o turismo cultural”.

Assim, as diversas combinações da cultura e do turismo configuram o segmento do turismo cultural, que é marcado pela motivação do turista de se deslocar especialmente com a finalidade de vivenciar os aspectos e situações que são peculiares de uma determinada cultura.

Se retrocedermos no tempo, podemos entender que o nascimento das viagens com fins culturais surgiu na Europa, e inspirado por essas viagens do período renascentista, surgiu o grand tour, uma viagem de longo prazo às cidades europeias, com objetivo educacional. Assim pode-se afirmar que o grand tour é um embrião do turismo cultural, por se tratar de uma viagem cultural (Ministério do Turismo, 2010).

De acordo com Kotler & Durand (2007), a literatura analítica permite estabelecer duas definições para o turismo cultural, a primeira parte da demanda, fazendo referência aos motivos, experiência de viagem e percepções. A segunda faz referência a aspectos da oferta, que seriam o consumo dos atrativos denominados culturais. Desse modo, o que

define se determinado espaço ou objeto seja denominado como cultural são as interpretações pessoais dadas às experiências turísticas e às suas motivações (Kotler & Durand, 2007, p. 187). Segundo o Ministério do Turismo (2010):

O Turismo Cultural implica em experiências positivas do visitante com o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a favorecer a percepção de seus sentidos e contribuir para sua preservação. Vivenciar significa sentir, captar a essência, e isso se concretiza em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se às formas de interação para conhecer, interpretar, compreender e valorizar aquilo que é o objeto da visita; a segunda corresponde às atividades que propiciam experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do atrativo motivador da visita (Ministério do Turismo, 2010).

Atualmente o turismo cultural é uma realidade para os municípios que buscam valorizar a sua cidade de forma sustentável. Através do turismo cultural, quando se valorizam as manifestações culturais, artesanais e a arquitetura da localidade, se pode notar uma melhora na autoestima da população local. E para que o turismo cultural seja de fato atrativo ele deve incluir a comunidade local, não apenas pelo desenvolvimento econômico, mas como propulsor do espírito comunitário e de melhorias no modo de vida das comunidades envolvidas (Schneider, 2004).

## O CENTRO HISTÓRICO DE JOÃO PESSOA

A cidade de João Pessoa foi fundada em 05 de agosto de 1585 com o nome de Nossa Senhora das Neves, em homenagem à Santa Padroeira da cidade. Depois a cidade possuiu outros nomes ao decorrer da história, como:

Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em 29 de outubro de 1585, em atenção ao rei da Espanha D. Felipe II, quando Portugal passou ao domínio Espanhol. Em seguida recebeu o nome de Frederikstadt (Frederica), em 26 de dezembro de 1634, por ocasião da sua conquista pelos holandeses, em homenagem a Sua Alteza, o Príncipe Orange, Frederico Henrique. Novamente mudou de nome, desta vez passando a chamar-se Parahyba, a 01 de fevereiro de 1654, com o retorno ao domínio português, recebendo a mesma denominação que teve a capitania, depois a província e por último o Estado. Em 04 de setembro de 1930, finalmente recebeu o nome de João Pessoa, homenagem prestada ao Presidente do Estado assassinado em Recife por ter negado apoio ao Dr. Júlio Prestes, candidato oficial à Presidência da República, nas eleições de 1930...(História de João Pessoa, 2000)

O Centro Histórico de João Pessoa é tido por grande importância histórica, por estar diretamente envolvido com a fundação da cidade, a qual surgiu às margens do Rio Sanhauá (Dantas, 2014). Depois do desenvolvimento da cultura do algodão no Nordeste o crescimento populacional e social subiram na mesma proporção, com isso as famílias mais ricas foram mudando para bairros mais próximos da praia, assim foram surgindo o Parque Sólón de Lucena e a Epitácio Pessoa. (Endres, Oliveira & Menezes, 2007). Ainda de acordo com os relatos de Endres, Oliveira & Menezes (2007) foi por meados de 1970 que a área central deixou de ser um bairro residencial e passou a abrigar o comércio.

As mudanças urbanas transformaram o centro da cidade num polo de comércio e negócios, resultando numa reordenação espacial das demais atividades. No período entre as décadas de 1960 e 1980, o processo de desvalorização do centro histórico, em particular da Cidade Alta, só aumentou. (Dantas, 2014, p. 16).

E essa realidade das décadas de 60, 70 e 80 ainda perdura até hoje. Quando paramos para analisar a movimentação no centro da cidade, contando com o Centro Histórico, podemos notar como algumas partes são menos movimentadas, mesmo tendo diversos negócios, o que demonstra que há uma falta de interesse por parte dos moradores.

Ainda nos anos de 1970, diante das grandes demolições que ocorriam no centro histórico e a decadência dos prédios, o IPHAEP (Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico do Estado da Paraíba) tomou algumas iniciativas para tentar reverter a situação (Shionara & Melo, 2010). Então “coube a ele a responsabilidade de tombar e assegurar a manutenção dos bens que fazem parte da história e da produção artística de todo Estado” (Shionara & Melo, 2010, p.4). Ainda de acordo com os autores, em 1980, o IPHAEP lançou o Programa de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa, com parceria junto ao Governo Federal (por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN), Ministério da Cultura, Governo da Paraíba e Governo da Espanha. Shionara & Melo (2010) ainda mencionam Andrade (2004) que afirma que o Programa de revitalização visava trazer de volta espaços de boemia e da vida noturna no Varadouro. No entanto, analisando a realidade atual percebemos que essa ideia não funcionou, o centro da cidade, especialmente a parte do Centro Histórico fica completamente deserto depois das 20 horas, até mesmo restaurantes, lanchonetes e cafés fecham à noite.

Para tentar trazer vida novamente a essa região foram elaborados projetos com o objetivo de trazer moradores para as áreas do Centro Histórico. Entre esses projetos podemos destacar o Programa de Reabilitação de Sítios Históricos (PRSH) de 2002 e o Projeto Moradouro em 2007 (Shionara & Melo, 2010), que teve uma nova edição em 2014, onde contemplaria cerca de 20 famílias (Prefeitura abre inscrições para o Projeto Moradouro no Centro Histórico, 2014).

Esses projetos trouxeram muita polêmica, pois alguns estudiosos entenderam que esse processo de revitalização da área central da cidade de João Pessoa tinha como único objetivo transformar os espaços em áreas de consumo, através de uma valorização artificial do espaço urbano (Shionara & Melo, 2010, pp. 5-6).

Os projetos mencionados anteriormente não atingiram seus propósitos e o local continua sem moradores e com pouca movimentação turística. “Em dezembro de 2007, o Centro Histórico de João Pessoa foi considerado Patrimônio Cultural e Artístico do Brasil, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), pelo seu valor histórico, paisagístico e artístico.” (Nobrega, 2013, p.72). E apesar dessa medida ter sido importante, ainda não foi suficiente para realmente se preservar tais elementos condutores (prédios e locais tombados) de representatividade da história pessoense.

## ROTA DE PEDESTRE

A rota de pedestre ou percurso pedestre é uma atividade de percorrer distâncias a pé, normalmente por caminhos bem definidos e sinalizados, em que aspectos ambientais, culturais e turísticos são observados, proporcionando aos visitantes conhecer os centros históricos e os monumentos ali presentes (Braga, 2007).

No Brasil, as primeiras rotas de pedestre tiveram início com o projeto Linha Pinhão – Pegadas da Memória em Curitiba (Dantas, 2014) e outras cidades brasileiras aderiram a essa ideia, como o caso de João Pessoa/PB.

O projeto de Sinalização Turística para a Rota de Pedestre no Centro Histórico de João Pessoa teve a primeira fase inaugurada em 5 de dezembro de 2008 em comemoração a um ano do tombamento do Centro Histórico de João Pessoa. (Centro Histórico ganha sinalização turística e selo comemorativo, 2008). O roteiro, segundo Dantas (2014), foi uma parceria entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e o Ministério do Turismo (Mtur). De acordo com o secretário executivo de turismo da época, Elzário Pereira, “o projeto inicial foi concebido pela Comissão Permanente do Centro Histórico e posteriormente passou por uma reavaliação dos técnicos da Setur” (Centro Histórico ganha sinalização turística e selo comemorativo, 2008). O roteiro é constituído de dois circuitos, conhecidos como Cidade Alta e Cidade Baixa, guiado por 162 placas de sinalização, contendo informações sobre o monumento e/ou lugar.

Segundo Dantas (2014), o roteiro tem o objetivo de permitir que os visitantes tenham um maior contato, direto e mais direcionado com o Centro Histórico, disponibilizando informações de tal forma que permita acessar os diversos monumentos e vivenciar de forma agradável tanto o patrimônio cultural quanto o natural.

Para facilitar toda a dinâmica da rota a Secretaria de Turismo (Setur) lançou em 26 de Abril de 2010 um folder explicativo (PMJP lança folder de sinalização do Centro Histórico para pedestre, 2010). Esse material era disponibilizado pela própria secretaria nos pontos de apoio ao turista, no entanto, nos dias atuais, o folder não está mais em circulação. O folder continha um mapa com os dois circuitos (Cidade Alta e Cidade Baixa) traçados com lista de todos os prédios e praças no roteiro, possuía informações sobre os horários de funcionamento de alguns desses pontos históricos e ainda uma breve apresentação da rota nos idiomas português e inglês, conforme o texto a seguir:



Os imóveis e locais tombados representam e fazem parte de mais de 400 anos de história da cidade e são prédios representativos dos vários períodos da história de João Pessoa: o barroco, o rococó, o estilo maneirista, a arquitetura colonial e eclética, e o art-nouveau e o art-decor.[...] Através das 72 placas direcionais e 90 placas interpretativas (placas externas e internas de monumentos, placas de mirante e placas de área tombada) o visitante poderá se abastecer de diversas informações a respeito de datas de construção dos monumentos, estilos arquitetônicos, o que se passava em cada época. (Roteiros para pedestre no centro histórico de João Pessoa, 2010).

De acordo com o folder lançado pela Setur em 2010, os roteiros estão especificados no quadro e no mapa a seguir:

Quadro 1 – Roteiros da Rota de Pedestre

Roteiro Cidade Baixa	Roteiro Cidade Alta
Largo de São Frei Pedro Gonçalves	Parque Sólon de Lucena
Placa de Mirante – Hotel Globo	Praça Dom Adalto
Hotel Globo (Mirante)	Igreja de Santa Teresa da Ordem Terceira do Carmo
Estação Ferroviária	Igreja de Nossa Senhora do Carmo
Igreja de São Frei Pedro Gonçalves	Arquidiocese da Paraíba
Memorial da Arquitetura Paraibana	Casarão 34
Praça Antenor Navarro (Área Tombada)	Casarão dos Azulejos
Associação Comercial da Paraíba	Solar do Conselheiro
Theatro Santa Roza	Academia Paraibana de Letras
Praça Pedro Américo (Área Tombada)	Praça São Francisco
Batalhão da Polícia Militar da Paraíba	Conjunto Franciscano
Paço Municipal, Comando da Polícia Militar da Paraíba	Antiga Casa dos Padres
Grupo Escolar Thomas Mindello	Casa da Pólvora
Mirante – Viaduto Dorgival Terceiro	Antigo Colégio de Nossa Senhora das Neves
Neto Antigo Biblioteca Pública Estadual	Praça Dom Ulrico
Casa Sobrado de Peregrino de Carvalho	Catedral Basílica Nossa Senhora das Neves
Igreja da Misericórdia	Igreja e Mosteiro de São Bento
Praça Rio Branco	Sobrado de Virginius da Gama e Mello
Casa do Erário	Loja Maçônica Branca Dias
Solar do Conselheiro	Viaduto Dorgival Terceiro Neto
Academia Paraibana de Letras	Antiga Biblioteca Pública Estadual
Conjunto Franciscano	Casa Sobrado de Peregrino de Carvalho
Praça São Francisco	Igreja da Misericórdia
Antiga Casa dos Padres	Antigo Colégio dos Jesuítas
Placa do Mirante – Casa da Pólvora	Palácio da Redenção
Casa da Pólvora	Praça Venâncio Neiva
Antiga Fábrica de Vinhos Tito Silva	Academia de Comércio Epitácio Pessoa
Loja Maçônica Grande Oriente da Paraíba	Tribunal de Justiça e Praça João Pessoa

Fonte: Roteiros para pedestre no centro histórico de João Pessoa, 2010

Figura 1: Mapa turístico da primeira rota de pedestre



Fonte: Dantas, 2014.

O roteiro Cidade Baixa tem início no parque Sólón de Lucena, e tem como foco o antigo Porto do Capim. Ao percorrer o roteiro é possível conhecer pontos turísticos como, o largo de São Frei Pedro Gonçalves, que foi restaurado pelo PRODETUR (Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo) bem como a Praça Antenor Navarro. Ainda é possível conhecer o Hotel Globo, a estação ferroviária, a Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, que é a única igreja que constitui a Cidade Baixa, a Praça Antenor Navarro, a Associação Comercial que em conjunto com outras edificações constituem um dos importantes conjuntos ecléticos da cidade (Dantas, 2014). A rota Cidade Baixa conta com vinte e oito paradas históricas, dentre os quais destacam-se:

a) A praça Antenor Navarro fica localizada no Centro Histórico de João Pessoa, o nome foi dado em homenagem, segundo historiadores, a Antenor Navarro, uma grande figura humana da revolução de 1930, que exerceu o governo de João Pessoa na época. A praça já passou por revitalizações e recuperações dos casarios em seu entorno (Praça Antenor Navarro, 2008).

Figura 2: Praça Antenor Navarro



Fonte: Oliveira, 2013

b) O Theatro Santa Roza foi inaugurado em 03 de setembro de 1889, faltando 12 dias para a Proclamação da República e recebeu o sobrenome do então presidente da Paraíba. Sua inauguração foi muito esperada pela população paraibana desde 1973. Foi nesse mesmo teatro, em uma assembleia, que foi formulada a bandeira da Paraíba (Rufino, 2012).

166

Figura 3: Theatro Santa Roza



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

c) O conjunto de São Francisco é formado por um complexo arquitetônico, igreja, cruzeiro e convento. Considerado o maior monumento em estilo barroco da América latina, o conjunto é tombado desde 1952 pelo Patrimônio Histórico. Atualmente o conjunto está aberto para visitas (Igreja de São Francisco, nd)

Figura 4: Conjunto São Francisco



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

d) O mirante Hotel Globo possui uma paisagem histórica e repleta de belezas, um belo pôr-do-sol e vista para o rio Sanhauá, ele faz parte do Hotel Globo onde foi construído em 1928 e é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Hotel Globo, nd).

167

Figura 5: Mirante Hotel Globo



Fonte: Dados da pesquisa, 2017

O roteiro Cidade Alta, assim como a Cidade Baixa, tem o seu início no Parque Sólton de Lucena, cujo foco é interligar os três conjuntos religiosos que constituem o período colonial, sendo eles: o Beneditino, Carmelita e o Jesuíta. O roteiro ainda possui a Praça Dom Adauto, a Igreja de Santa Teresa da Ordem Terceira do Carmo, o Casarão 34, o

Casarão dos Azulejos, dentre outros, constituindo também vinte e oito paradas históricas(Dantas, 2014).Alguns desses pontos turísticos que constituem o roteiro foram elencados a seguir:

d) O parque Sólon de Lucena, popularmente conhecido por Lagoa, foi tombado em 26 de agosto de 1980, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba. O parque pertence a uma zona especial, onde são preservados os recursos ambientais e naturais, bem como paisagísticos, culturais e históricos da cidade (Silva, 2015).

Figura 6: Parque Sólon de Lucena



Fonte: Costa, 2016

e) O Casarão dos Azulejos é uma construção do século XIX, construído para ser residência de um homem ilustre da época tendo por pronome “Encomendador”. Sua construção chama atenção por ser revestida de azulejos portugueses, uma beleza rara e única. O casarão foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba em 1980 (Bandeira, 2012).

Figura 7: Casarão dos azulejos



Fonte: Iphaep recupera casarão dos azulejos e serviços devem começar em maio, 2017)

f) A Academia Paraibana de Letras foi fundada em 1941 devido a um grande movimento intelectual em que grandes jornalistas da época começaram a manifestar suas tendências culturais literárias, dando origem à academia. (Breve histórico da Academia Paraibana de Letras, nd)

Figura 8: Academia Paraibana de Letras



Fonte: João Pessoa, nd

g) A Casa da Pólvora, construída em 1710, é um marco histórico e representa o esforço da colonização portuguesa do Brasil. É símbolo da identidade do povo paraibano e foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Casa da Pólvora, nd).

Figura 9: Casa da Pólvora



Fonte: Casa da Pólvora, nd

Além dos folders, foram distribuídas 162 placas de sinalização turística, sendo “78 Placas Direcionais, 07 Placas de Bronze indicando Monumentos Federais, 28 Placas Internas de

Monumento, 35 Placas Externas de Monumento, 3 Placas de Mirante e 11 Placas de Área Tombada” (Nóbrega, 2013, p. 74).

## RESULTADOS

Em visita às rotas atuais, percebe-se claramente a falta de manutenção nas placas, e a deficiente sinalização, o que traz a ideia de que a rota foi desativada. No entanto, em entrevista com representantes da Secretaria de Turismo (Setur), obteve-se a informação que a rota de pedestre não foi extinta e a Setur, através da Diretoria de Desenvolvimento Institucional (DDI), possui um projeto de reorganizar a rota e pretende reformar algumas placas degradadas e incluir algumas que não existiam antes, porém, o projeto está parado por conta da verba limitada.

De acordo com representantes da Setur, algumas alterações na rota já foram realizadas, a exemplo do panfleto, que passou por uma reformulação, tendo atualmente o formato de um livreto, adicionando informações sobre alguns pontos turísticos do Centro Histórico. Há que se destacar que nessa nova fase a rota da Cidade Baixa foi praticamente extinta, pois dos 28 pontos turísticos que possuía, restaram, atualmente apenas 4 pontos (quadro 2). Já a Cidade Alta teve poucas modificações, de 28 restaram 20. Um fato curioso observado é que a rota da Cidade Alta inicia e termina no Parque Sólon de Lucena, no entanto, com a reforma da Lagoa a placa que dá início a rota foi retirada.

Quadro 2 – Novo trajeto da Rota de Pedestre

Roteiro Cidade Baixa	Roteiro Cidade Alta
Hotel Globo Igreja de São Frei Pedro Gonçalves Praça Antenor Navarro Fábrica de Vinho Tito Silva	Parque Sólon de Lucena Igreja de Santa Teresa da Ordem Terceira do Carmo Igreja de Nossa Senhora do Carmo Arquidiocese da Paraíba Casarão 34 Casarão dos Azulejos Solar do Conselheiro Academia Paraibana de Letras Igreja São Francisco Casa da Pólvora Catedral Nossa Senhora das Neves Igreja e Mosteiro de

	<p>São Bento                  Igreja da Misericórdia                  Theatro Santa Roza                  Paço Municipal                  Faculdade de Direito                  Palácio da Redenção                  Pavilhão do Chá                  Tribunal de Justiça                  Praça João Pessoa</p>
--	--

Figura 2: Praça Antenor Navarro

Figura 10: Mapa turístico da rota de pedestre reformulada



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Ainda tentando entender a razão das rotas já não serem mais realizadas pelos turistas e até mesmo pelos moradores, foi levantada a hipótese, que o motivo poderia ser a situação degradante tanto dos prédios quanto das placas. Para os entrevistados que representam a Secretaria de Turismo de João Pessoa, esses fatores com certeza têm sua importância, mas o fator decisivo para que as pessoas não optem pela rota de pedestre é a falta de segurança da maioria dos pontos. E o tema segurança é uma questão complexa problema que envolve ações de diversos setores da sociedade, incluindo ações dos níveis municipal, estadual e federal.

Em relação à nova rota de pedestre, as mudanças buscaram uma adaptação ao novo sistema do Parque da Lagoa, e justamente por isso vários empregos foram gerados com as



criações de vários quiosques. Esses quiosques foram concedidos a empresários para que pudessem implantar seus negócios no local e, para isso, os entrevistados explicaram que esses comerciantes contrataram vários funcionários, o que impactou na economia e no sistema de empregos da cidade. Ao serem questionados sobre a redução drástica do roteiro da Cidade Baixa, os representantes da Setur argumentam que a região apresenta grandes problemas de segurança e que por isso, alguns locais de visitação foram excluídos. Neste ponto, cumpre-nos ressaltar que tais medidas não condizem com os propósitos de uma rota de pedestre e que o fato de se excluir grande parte da rota de pedestres da Cidade Baixa não será a solução viável. E ainda, ao ser excluída, a região irá sofrer as consequências do abandono e desvalorização de uma importante parte da identidade pessoense.

No que se refere aos benefícios trazidos pela rota de pedestre, as principais contribuições das rotas de pedestres são o contato com o patrimônio cultural, maior proximidade com a população local e a oportunidade de vivenciar os modos de vidas locais, uma vez que o fato de se caminhar a pé permite uma maior aproximação com as pessoas que vivem na cidade em comparação aos passeios exclusivamente feitos por meios de transporte, como os ônibus de turismo. Todas essas contribuições se encaixam no contexto do turismo de experiência que tem apresentado um forte crescimento da demanda, caracterizando-se por uma maior procura dos visitantes por atividades que permitam vivenciar a cultura local. Para os representantes da Setur, tanto a antiga rota para pedestres como a nova foram criadas objetivando o desenvolvimento da economia da cidade de João Pessoa-PB, como também para ser mais uma opção para o turista, pensando na liberdade do turista fazer esse roteiro a pé. Embora não possuam dados que demonstrem esses benefícios à economia, os entrevistados da Secretaria de Turismo afirmam que houve um movimento positivo da economia, devido ao aumento de fluxos de pessoas naquele entorno.

De forma a melhor compreender a importância das rotas de pedestres para a cidade de João Pessoa, realizamos também entrevistas com representantes das duas principais agências de turismo receptivo locais. Com base nas respostas obtidas, pudemos constatar

que existe o interesse dos turistas pelo Centro Histórico da cidade, mas muitos visitantes deixam de ir à região devido à má sinalização, à falta de divulgação e à insegurança, por isso, os entrevistados acreditam que a reimplantação das rotas irá facilitar o acesso e, portanto, favorecer o aumento de visitas no centro de João Pessoa. Atualmente, segundo os respondentes, apenas um passeio de city tour é feito no Centro Histórico, sendo que os demais se concentram no litoral. No city tour existem poucos percursos que envolvam caminhada onde os turistas realizam algumas paradas no Centro Histórico, e com as rotas funcionando adequadamente a demanda aumentaria, gerando inúmeros benefícios à região. Uma das principais críticas feitas se refere à redução das rotas de pedestres, em especial na Cidade Baixa que contempla importantes prédios históricos.

O presente trabalho, ao debater o tema das rotas de pedestres no Centro Histórico de João Pessoa, intenta abrir espaço para a discussão sobre sua importância para o turismo cultural, uma vez que se percebe claramente que se estiverem em pleno funcionamento poderão se constituir em um produto turístico fundamental para a valorização da cultura local, trazendo benefícios socioeconômicos para a região. Entre esses benefícios podemos destacar a revitalização do Centro Histórico que, embora tenha sido o início da cidade de João Pessoa, atualmente se encontra marginalizado, principalmente no que se refere ao turismo, pois a maioria dos meios de hospedagem, restaurantes e atrativos turísticos se localizam na orla da cidade.

Podemos compreender que a cultura na perspectiva do turismo faz parte de um processo de produção e recriação de sentidos, quer seja para o núcleo receptor, quer seja para os visitantes. Nesse processo pode haver impactos negativos como a padronização cultural dos atrativos, mas também pode haver ganhos, pois a visibilidade desses patrimônios podem inclusive auxiliar na busca por espaços em que se permita expor suas identidades (Figueiredo, 2017).

É intuito de este trabalho mostrar que as rotas de pedestres poderão contribuir para o resgate do Centro Histórico, cooperando para a economia local, uma vez que a presença

dos turistas irá aumentar a demanda pelos negócios locais assim como incentivar novos serviços e, portanto auxiliar para o surgimento de novos empreendimentos.

Além disso, ao se estabelecer essas rotas de pedestres, recomenda-se vivamente que haja uma campanha junto à população para que também participe desses passeios de forma a revitalizar o Centro Histórico não apenas para o turismo, mas também para as pessoas que vivem na cidade, contribuindo assim para o conhecimento da cultura, para a preservação do patrimônio e para a economia local, e, dessa forma, para a revitalização da região.

Por isso, faz-se necessário que os setores públicos e privados entendam as rotas de pedestres como um produto turístico com potencial gerador de impactos positivos para a cidade de João Pessoa, mas para isso precisam estar conscientes da necessidade de um planejamento, em que se analisem as oportunidades e ameaças, e que sejam primeiramente adotadas providências no que se refere à segurança pública e medidas que assegurem que tanto os turistas quanto os moradores possam usufruir plenamente dessas rotas.

Esperamos também com esse trabalho que a academia possa contribuir para que sejam elaborados estudos que venham a viabilizar juntamente com o poder público e o setor privado a retomada dessas rotas, considerando seus benefícios sociais e econômicos, em uma região que apresenta um grande potencial para o turismo cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Pessoa, umas das três cidades mais antigas do Brasil, possui um acervo arquitetônico de vários estilos (o barroco, o rococó, o estilo maneirista, a arquitetura colonial e eclética, e o art-nouveau e o art-decor), que datam de mais de 4 séculos. Como medida para assegurar a preservação dos prédios históricos no centro de João Pessoa-PB, o IPHAN tombou muitos desses prédios, denominando-se Centro Histórico.

Em 5 de Dezembro de 2008 foi inaugurada a rota de pedestres, com o intuito de promover passeios pelo Centro Histórico pessoense, proporcionando uma experiência diante dos monumentos representantes da história da cidade. Mas, com os passar de poucos anos não se ouvia mais falar sobre a rota de pedestre e o mapa da rota saiu de circulação.

Diante disso, o objetivo desse estudo consistiu em analisar a “rota de pedestres” e conhecer os motivos pelos quais ela não é mais utilizada, assim como ver a possibilidade de ser replantada. Para tal foram realizadas pesquisas documentais e bibliográficas, além de entrevistas com representantes do órgão Setur e das principais agências de turismo receptivo que realizam passeios no Centro Histórico. De acordo com a Secretaria Municipal de Turismo, a rota de pedestre nunca deixou de existir, apesar do mapa não estar mais em circulação. Atualmente a DDI (Diretoria de Desenvolvimento Institucional) está com um projeto de reformulação e reorganização da rota que reduziu drasticamente o roteiro da Cidade Baixa.

É fundamental ressaltar que para a replantação da rota de pedestres, o projeto possui alguns desafios, entre os quais: a revitalização das placas de sinalização e a segurança das ruas do Centro Histórico. Segundo a entrevistada da Secretaria de Turismo, o projeto não está em fase de implantação, pois não há verba disponível.

O mais complexo desses desafios é justamente a segurança, pois é um fator que depende de uma ação conjunta, uma vez que diversas medidas devem ser adotadas nos diversos níveis institucionais. No que se refere às reduções da rota de pedestre, esta ainda é importante para fomentar o turismo cultural na cidade proporcionando ao visitante uma viagem ao passado e mantendo a história viva.

## REFERÊNCIAS

- Alfonso, M.J.P. (2013). El Patrimonio Cultural Como Opción Turística. *Horizontes Antropológicos*, 9 (20), 97-115. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a05.pdf>
- Bandeira, S.E.A.C. (2012). Paisagem arquitetônica da cidade de João Pessoa/PB e seu significado: O perceptivo dos moradores e visitantes. (Tese de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Retirado de [http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/18977/1/SamiaEACB\\_DISSERT.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/18977/1/SamiaEACB_DISSERT.pdf)
- Braga, T. (2007). Pedestrianismo e percursos pedestres. Amigos dos açores. Retirado de <http://www.amigosdosacores.pt/sites/default/files/documents/7514796-pedestrianismo-e-percursos-pedestres.pdf>
- Breve histórico da Academia Paraibana de Letras. (nd). Retirado de <http://www.aplpb.com.br/historia/a-academia>
- Casa da Pólvora (nd). Retirado de <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/funjope/casa-da-polvora/>
- Centro Histórico ganha sinalização turística e selo comemorativo. (2008). Retirado de <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/centro-historico-ganha-sinalizacaoturistica-e-selo-comemorativo/>
- Constituição Federal de 1988. Retirado de [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao\\_Federal\\_art\\_216.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf)
- Costa, G. (2016). Um passeio pela história de uma das capitais mais antigas do Brasil, João Pessoa Paraiba. Retirado de <http://viagemarquitectura.com.br/destinos/joaopessoa-paraiba-um-passeio-pela-historia/>
- Dantas, Z.F. (2014). GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E TURISMO: uma análise integrada do Roteiro para Pedestres no Centro Histórico de João Pessoa. (Monografia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil, Retirado de <http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/820/3/ZFD06102014.pdf>
- Endres, A.V.; Oliveira, C.M.S.; & Menezes, D.A. (2007). Turismo no Centro Histórico de João Pessoa: Revitalização, Planejamento e Não-Lugar. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*. 1-20. Retido de [www.eca.usp.br/turismocultural/carla.pdf](http://www.eca.usp.br/turismocultural/carla.pdf)
- Figueiredo, S.L. (2017). Turismo e cultura pelo avesso. Em A. Brambilla, M.M. Baptista, E. Vanzella & L. Silveira (Eds.), *Cultura e turismo: interfases metodológicas e investigações em Portugal e no Brasil*. (Pp.9-12) João Pessoa, Paraíba, Brasil: Editora do CCTA.
- Fonseca, J.J.S. (2002). Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC
- Funari, P.P., & PINSKY, J. (2001). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto

- Gil, L.R. (2008). Tipos de pesquisa. Retirado de <http://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>
- Gomes, M.E. (2007). Patrimônio Cultural e Turismo: Estudo de caso sobre a relação entre o órgão ARP Schinitger e a população local de Mariana, MG. III enecult. Salvador, Bahia. Retirado de <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/MarianaEliasGomes.pdf>
- História de João Pessoa. (2000). Retirado de <http://www.de.ufpb.br/~ronei/JoaoPessoa/histor.htm>
- Hotel Globo. (nd) Retido de <http://www.de.ufpb.br/~ronei/JoaoPessoa/globo.htm>
- Igreja de São Francisco. (nd). Retido de <http://www.de.ufpb.br/~ronei/JoaoPessoa/sfrancisco.htm>
- Iphaep recupera casarão dos azulejos e serviços devem começar em maio. (2017). Retirado de <https://www.wscom.com.br/noticias/paraiba/iphaep+recupera+casarao+dos+azulejos+e+servicos+devem+comecar+em+maio-211989>
- João Pessoa (nd). Retirado de <http://leocadio.wikispaces.com/Jo%C3%A3o+Pessoa>
- Köhler, A.F., & Durand, J.C.G. (2007). Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. Revista Turismo-Visão e Ação. 9(2), 185-198.
- Leandro, A.G. (2006). O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade. (Tese de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Retirado de [http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/aldo\\_leandro.pdf](http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/aldo_leandro.pdf)
- Lemos, C.A.C. (1981). O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense. Retirado de <http://www.ceap.br/material/MAT1403201480843.pdf>
- Ministério do turismo. (2010). Turismo Cultural: orientações básicas (3ª ed.). Brasília: Ministério do Turismo.
- Nobrega, L.S.S. (2013). O desvelar do Centro Histórico de João Pessoa pelo turista/flâneur. (Tese de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Retirado de [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15052/1/2010\\_LaraSantinaSantosdaNobrega.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15052/1/2010_LaraSantinaSantosdaNobrega.pdf)
- O que é patrimônio cultural? Patrimônio histórico? Patrimônio Ambiental ou Natural? (nd). Retirado de <http://coral.ufsm.br/ppgppc/index.php/duvidas-e-dicas/78-patrimonio-historico-cultural-e-ambiental-natural>
- Oliveira, S. (2013). Centro histórico de João Pessoa: modo de usar. Retirado de <http://www.matraqueando.com.br/centro-historico-de-joao-pessoa-modo-de-usar>
- Patrimônio Cultural (nd). Retirado de [http://www.lacior.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=53](http://www.lacior.org/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=53)

- PMJP lança folder de sinalização do Centro Histórico para pedestre (2010). Retirado de <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/pmjp-lanca-folder-de-sinalizacao-do-centro-historico-para-pedestre/>
- Praça Antenor Navarro em João Pessoa. (2008). Retirado de <http://ensinandoartesvisuais.blogspot.com.br/2008/04/praa-antenor-navarro-em-joao-pessoa.html>.
- Prefeitura abre inscrições para o Projeto Moradouro no Centro Histórico. (2014). Retirado de <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/prefeitura-abre-inscricoes-para-projeto-moradouro-no-centro-historico/>
- Raupp, F.M., & BEUREN, I.M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. Em Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas.
- Richards, G. (2009) Turismo cultural: Padrões e implicações. Em P. Camargo, & G. Cruz (Eds.), Turismo Cultural: Estratégias, sustentabilidade e tendências (pp. 25-48). Ilhéus, Bahia: Editus.
- Roteiros para pedestre no centro histórico de João Pessoa. (2010). Secretaria municipal de turismo.
- Rufino, K.C.R. (2012). Memória e acesso a informação, fora de cartaz no arquivo do Theatro Santa Roza. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil. Retirado de <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5115/1/PDF%20-%20K%C3%A1ssia%20Camila%20Ribeiro%20Rufino.pdf>
- Schneider, S.C. (2004). Turismo cultural: Uma proposta de preservação do patrimônio material. Centro de ensino superior Cenequista de Farroupilha -Cesf.
- Secretaria Municipal de Turismo (nd). João Pessoa. Retirado de <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/setur/>
- Shionara, A., & Melo, T.B. (2010). Centro Histórico de João Pessoa: tombamento, restauração, “revitalização” e reinserção do uso habitacional. XVI Encontro Nacional dos Geógrafos – Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças – Espaços de Diálogos e Práticas. Porto Alegre. Retirado de [www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1013](http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1013)
- Silva, D.G.D. (2015) Parque Sólton de Lucena. Intervenção urbana e vendedores ambulantes no centro de João pessoa – PB. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. Retira de <http://www.ccen.ufpb.br/cbblg/contents/documentos/bacharelado/tccs/daniel-gomes-da-silva.pdf>
- Silva, E.P. (2000). Patrimônio e identidade: Os desafios do turismo cultural. Antropológicos. (4), 217-224. Retirado de <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/932/734>